



“O futebol coloca em pauta e dá visibilidade a temas importantes para o país”: conversa com Carmen Rial

Carmen Rial¹  

Universidade Federal de Santa Catarina

Cristiano Mezzaroba²  

Universidade Federal de Sergipe

Daniel Machado da Conceição³  

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

Entrevista realizada com Carmen Rial, Coordenadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro, feita por Cristiano Mezzaroba e Daniel Machado da Conceição. Ao longo da entrevista, a pesquisadora aborda o seu envolvimento paralelo a sua trajetória com a temática do futebol, a ideia de criar o INCT, a sua principal característica – que é o seu caráter interdisciplinar e interinstitucional –, e a rede de pesquisadores e pesquisadoras vinculados a ele. Além disso, aborda a produção do conhecimento nas Humanidades a respeito do futebol e a importância desse objeto social a quem se dedica à dimensão investigativa e impactos nas políticas públicas e na educação.

Palavras-chave

Carmen Rial. INCT. Futebol brasileiro. Humanidades.

1. Doutorado em Sociologia e Antropologia pela Université Paris Descartes-Sorbonne; Professora Titular do Departamento de Antropologia da UFSC, atuando no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Coordenadora Geral do INCT Estudos do Futebol Brasileiro.

2. Doutor em Educação (UFSC), Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFS). Bolsista Pós-Doutorado no Exterior (PDE/CNPq) e coordenador da Linha “Mídias, Torcidas e Movimentos antirracistas” (INCT/CNPq).

3. Doutor em Educação (UFSC), Coordenador Educativo do Instituto Abre (Maringá/PR) e Professor de História na Rede Municipal de Florianópolis/SC. Coordenador da Linha “Clubes, formação, carreira e migração” do INCT Estudos do Futebol Brasileiro/CNPq.

“Football puts on the agenda and gives visibility to important issues for the country”:
conversation with Carmen Rial

Abstract: Interview conducted with Carmen Rial, the National Institute of Science and Technology Studies of Brazilian Football Coordinator, made by Cristiano Mezzaroba and Daniel Machado da Conceição. Throughout the interview, the researcher addresses her involvement parallel to her trajectory with the theme of soccer, the idea of creating the INCT, its main characteristic – which is its interdisciplinary and interinstitutional character – and the network of researchers linked to it. In addition, it addresses the production of knowledge in the Humanities about football and the importance of this social object for those who are dedicated to the investigative dimension and impacts on public policies and education.

Keywords: Carmen Rial. INCT. Brazilian football. Humanities.

“El fútbol pone en la agenda y ofrece visibilidad a temas importantes para el país”: conversación con Carmen Rial

Resumen: Entrevista con Carmen Rial, Coordinadora del Instituto Nacional de Ciencia y Tecnología – Estudios del Fútbol Brasileño, realizada por Cristiano Mezzaroba y Daniel Machado da Conceição. A lo largo de la entrevista, la investigadora habla de su implicación paralela con el tema del fútbol, de la idea de crear el INCT, de su principal característica – que es su carácter interdisciplinario e interinstitucional – y de la red de investigadores vinculados a él. También discute la producción de conocimiento en las Humanidades sobre el fútbol y la importancia de este objeto social para los que se dedican a la dimensión investigativa y su impacto en las políticas públicas y en la educación.

Palabras clave: Carmen Rial. INCT. Fútbol brasileño. Humanidades.

1) O Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro – que vamos resumir, aqui nas questões, à sigla “INCT Futebol” – teve sua aprovação em dezembro de 2022 com a Chamada CNPq n. 58/2022. Como coordenadora geral, gostaríamos que contextualizasse a respeito da ideia de criação deste INCT, como ele foi pensado, estruturado, e as perspectivas ali presentes naquele momento. Qual o desafio de propor um projeto sobre futebol brasileiro?

Na verdade, foi tudo muito rápido. Eu estava participando da articulação de um INCT de Estudos de Gênero, que seria liderado pela Miriam Grossi (UFSC) e, quando faltava mais ou menos duas semanas para a data limite de apresentação de projetos, ela desistiu de apresentar o projeto e me incentivou a fazê-lo com o tema do futebol. Conversei com o Luís Carlos Rigo (UFPEL – que, na época, estava em pós-doc em Florianópolis) no bar do CFH [Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFSC], se ele ajudaria a estruturar o projeto. Ele achou uma boa ideia. E aí incluímos a Caroline Almeida (Carol, UFPE) e a Mariane Pisani (Mari, UFPI) no grupo (que foram minhas orientandas no passado) e começamos a responder ao formulário do CNPq.

Então o projeto acabou sendo escrito a oito mãos e ainda coincidiu a sua escrita com um congresso, um colóquio que estava ocorrendo no Museu do Futebol em São Paulo, do qual participavam a Mari e a Carol, e elas, portanto, só podiam intervir

quando retornavam ao hotel. Eu e o Rigo em Florianópolis, a Mari e a Carol em São Paulo, e fomos estruturando o projeto. E, de fato, o “acaso”, como diria o Marshall Sahlins, teve papel importante no projeto. Se não fosse o incentivo da Miriam, eu provavelmente não teria pensado em apresentar a proposta, porque os institutos nacionais de ciência e tecnologia, eles são projetos de excelência que abrangem todas as áreas do CNPq, e a área das humanidades é apenas uma delas. E bem pequena. E os estudos de futebol dentro da grande área de humanidades poderiam, à primeira vista, parecer algo menor – nós sabemos que não é, que através do futebol podemos abordar os principais temas que interessam ao país, mas um comitê multidisciplinar poderia ter outra visão.

Desde o início, nós pensamos que o projeto deveria contemplar o que já se fazia em pesquisas sobre futebol no país e nos diversos núcleos e grupos de pesquisa do CNPq existentes. Sabíamos que na Antropologia tínhamos vários, mantínhamos encontros periódicos desde o primeiro deles, em 2000, na Reunião Brasileira de Antropologia organizada na UNB. E também na Sociologia, na Comunicação, na História, pois nos encontrávamos nas reuniões da ANPOCS. O Rigo trouxe a rede da Educação e da Educação Física, que eram áreas onde o futebol também estava muito presente.

Pensamos numa articulação desses grupos em quatro linhas de pesquisa, em designar coordenadores para essas linhas com bastante autonomia dentro do Instituto, e assim foi feito.

Essas redes eram no Brasil, mas não apenas no Brasil – eu, particularmente, participava de redes do exterior, especialmente as de esporte e migração; Mari, Carol e eu conhecíamos também pesquisadores que se encontravam nas Reuniões de Antropologia do Mercosul, e nós tentamos incluir esses pesquisadores no projeto. Enviamos convites e a grande maioria respondeu positivamente. Houve caso até de um pesquisador bastante importante, brasileiro, que respondeu quando faltavam dez minutos para o encerramento do prazo final de entrega do projeto. Nós o entregamos com dois minutos antes do prazo, foi então bastante corrida a sua estruturação, mas ele agradeceu muito à comissão, nós tivemos a nota máxima dos pareceristas.

Fiquei na coordenação, mas queria ter alguém numa vice-coordenação e uma espécie de coordenação-geral. Isso não é um requisito do CNPq, pois para a Instituição só conta uma coordenadora e comitê gestor, mas eu achei importante. Pensamos que a pessoa a assumir como vice teria que estar ligada a uma universidade, ou seja, o Rigo ou a Mariane, pois a Carol ainda não era professora. O Rigo foi em quem pensamos primeiro, por ter estado na origem da ideia. Mas ele abriu mão para a Mari, o que foi ótimo, pois saímos do Sul – ela está na UFPI. E como Mari tem facilidade de interagir nas redes sociais, ficou coordenando o diálogo da coordenação geral com o comitê gestor pelo Whatsapp, as postagens do INCT, além de acompanhar o trabalho dos bolsistas que foram distribuídos entre as linhas.

2) Com quase dois anos de ações pelo INCT Futebol, qual sua avaliação, neste momento, em relação àquilo que já foi realizado e da tua visão em relação às limitações e dificuldades que têm aparecido, neste trabalho de pensar o futebol brasileiro a partir de perspectivas científicas multidisciplinares?

De fato, temos só um ano de atividades no INCT Futebol, pois iniciamos realmente em agosto de 2023. O resultado do edital foi publicado em dezembro de 2022. E, antes de agosto, nós “preparamos a casa”, realizamos reuniões para organizar o trabalho, as linhas, a distribuição das bolsas, enfim...

Os objetivos para o primeiro ano no projeto eram bastante modestos, pensávamos em estruturar um *website* e realizar um encontro interno dos coordenadores das linhas de pesquisa, que são quem compõem o Comitê Gestor. Excedemos em muitos desses objetivos. O *site* foi estruturado e ficou muito lindo, emitimos notas públicas, realizamos *webinários*, a reunião interna (*online*) e criamos um *blog*. O *site* está estruturado, funcionando muito bem, sob a responsabilidade do Cristhian Cajé, e temos também no ar o *blog* “*Bate-Pronto*”, editado pelo Antonio Soares (UFRN) e pelo Vanrochris Hebert Vieira (UFSC), com diversos textos publicados, ISSN, tudo certinho.

As linhas têm trabalhado com bastante autonomia de seus coordenadores, realizando encontros mensais ou semestrais internos e *webinários* cujas gravações são posteriormente disponibilizadas no *site* com participantes do INCT ou convidados(as). Elas são lideradas por pesquisadores(as) que coordenam importantes grupos de pesquisa e têm longa trajetória no campo específico: Caroline Soares de Almeida e Wagner Xavier de Camargo (UNICAMP, Futebol de mulheres, de indígenas, paralímpico e LGBTQIA+); Daniel Machado da Conceição (UFSC) e Antonio Jorge Gonçalves Soares (Clubes, formação, carreira e migração de futebolistas); Luiz Carlos Rigo e Mauro Myskiw (UFRGS, Futebol de Várzea e Comunitário) e por Silvio Ricardo da Silva (UFMG) e Cristiano Mezzaroba (UFS, Mídias, torcidas e movimentos antirracistas no futebol).

Em agosto de 2024, tivemos nosso primeiro grande encontro presencial, em Florianópolis⁴, que foi liderado pela Mari Pisani e reuniu mais de cento e quarenta expositores de trabalhos em Grupos de Trabalhos (GTs), mesas-redondas. Ele contou com conferências de dois colegas argentinos, o Pablo Alabarces (UBA) e a Veronica Moreira (UBA). Além desses encontros no Brasil, nós realizamos outros no exterior⁵.

4. I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro: Produções e Epistemologias Futebolísticas e IV Simpósio de Futebol do NAVI.

5. Um *online* com pesquisadores portugueses especialmente ligados à Universidade do Porto e à Universidade de Lisboa (2023), organizado pelo Fábio Pinto (UFPEL). Organizamos em outubro de 2024 um encontro em Montevideo com pesquisadores latino-americanos que atuam na América do Sul, organizado, entre outros, pelo Luís Carlos Rigo, pelo Fábio Pinto e pelo Luciano Jahnecka (UDELAR). E estamos organizando, para dezembro, outro

Esses encontros promovidos pelo INCT Futebol são a fonte de artigos publicados em dossiês, no blog *Bate-Pronto*, e serão de coletâneas. Em andamento, temos diversos dossiês (como este na *Ambivalência* e outro na *Interthesis*), organizados pelas linhas e a publicação dos Anais do I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro: Produções e epistemologias futebolísticas, organizado pela Mari. Tivemos também um livro coeditado com o Ludopédio, *Futebol Popular*, que se tornou um parceiro do INCT, organizado pela Caroline Almeida e os colegas do Ludopédio Enrico Spaggiari e Raphael Ribeiro. O Ludopédio tem um trabalho de vários anos na área do futebol. E temos outro da Linha de Futebol de Várzea, sendo editado, com mais de dez capítulos. Os dossiês posteriormente poderão resultar em livros.

Então, em termos do Brasil, o que se tem é uma rede que contempla o projeto, mas que está em expansão, estamos incluindo novos(as) pesquisadores(as) e parcerias institucionais. Mensalmente envio ao CNPq uma lista, com nunca menos de 15 novos nomes. Isso mostra o quanto esse campo, hoje, é abrangente. E ampliando também internacionalmente. Somos atualmente uns 162 pesquisadores(as), 24 dos quais de instituições no exterior.

De modo geral, acho que esse foi um ano muito produtivo.

3) Você é jornalista e antropóloga de formação. Gostaríamos que contasse sobre tua trajetória acadêmica e profissional no sentido de se compreender como a Carmen Rial, então, passa a pensar a constituição do INCT Futebol e a observar e tratar o futebol como fenômeno social e cultural na sociedade brasileira. Comente, por favor, sobre tua trajetória e relação com o futebol.

A minha relação com o futebol é longa, como é o caso da maioria de quem ama este esporte. Desde que eu me lembro como pessoa, gostei de futebol, isso por influência do meu pai. Ele assinava diversos jornais e, já na infância, eu lia as páginas esportivas de jornais dos lugares onde moramos: Porto Alegre, São Paulo, Campinas e Rio de Janeiro. *Correio do Povo*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Comércio*, *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Zero Hora*; *Estadão* e *Jornal da Tarde*; *O Globo* e o *Jornal do Brasil*. Então muito cedo construí uma razoável enciclopédia futebolística, que tem sido útil.

O primeiro texto sobre futebol, que eu lembre, foi escrito nos anos mil novecentos e setenta, como trabalho final de uma disciplina da professora Noemi Brito, e era sobre o Esporte Clube Internacional e sua proposta de ser um “clube empresa” de um

com pesquisadores franceses e brasileiros que tenham publicado na França artigos de relevância. Além disso, temos participado propondo GTs e participando de Mesas em alguns Congressos no exterior – um congresso em Granada (2024) que era sobre feminismo, outro em Lisboa (2024), em Buenos Aires, (2024) e da 34ª RBA, em Belo Horizonte (2024), e na Reunião de Antropologia do Mercosul (2023), além de encontros na área de Educação Física.

futebol “moderno”. Nada a ver com as SAFs atuais. Era o tempo de dirigentes modernos, que tinham iniciativas precursoras, de um grupo conhecido como “Mandarins” – um apelido que pegou depois do coloradíssimo Luis Fernando Veríssimo tê-lo chamado assim em uma de suas colunas. O grupo era formado por Ibsen Pinheiro (depois, deputado federal), Ivo Pires, Claudio Cabral, Luiz Guimarães Falcão, Paulo Pontanova, Otávio Pellegrini, Hugo Amorim e Aldo Rosa. Eles tinham a proposta de ter um futebol mais pragmático, que unia força, técnica e velocidade.

Foi a época do Gilberto Tim como preparador físico. No texto descrevia isso e procurei mostrar o quanto essa proposta diferia do que era considerado o estilo brasileiro de jogar (tal como descrito por Gilberto Freyre, por Roberto DaMatta), e que, na verdade, este “estilo brasileiro” era uma expansão para todo território nacional de um estilo carioca de jogar. O Brasil é bem mais heterogêneo do que o que se lê neles, e nossos estilos de jogar são múltiplos. Seja como for, a proposta dos Mandarins deu certo. O Inter até hoje é o único campeão nacional invicto, em 1975. Neste ano, sob o comando do técnico Rubens Minelli, o time excursionou pela Europa vencendo 12 e empatando uma das partidas amistosas que disputou.

Em 1978 eu passei a trabalhar no Departamento de Esportes da Rádio Gaúcha, época da Copa do Mundo da Argentina, e trabalhei ali até 1982, depois da Copa do Mundo da Espanha, quando me transferei para Florianópolis, porque passei no curso de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina. Eu gostava muito do trabalho na Rádio Gaúcha, nem considerava um trabalho de fato, pois, embora às vezes ficasse das 8h da manhã às 10h da noite (em dias de jogos muito importantes), se não estivesse ali, estaria, provavelmente, ouvindo a rádio em outro lugar. E nos dias normais podia fazer poucas horas, o que me permitia continuar estudando. Só deixei a Gaúcha porque a Antropologia e a pesquisa eram desafios maiores, já estava no mestrado e achei que a Antropologia era uma carreira mais incitante que o Jornalismo.

Em 1987 escrevi um segundo texto sobre futebol, e dessa vez publiquei-o. Era uma matéria pequena no jornal *Mulherio*, sobre a cobertura machista da mídia sobre os jogadores do Grêmio que tinham estuprado uma menina de 13 anos em Berna, na Suíça. Esse artigo, na época, não teve grande repercussão, pelo menos não fiquei sabendo de ecos – depois, soube que ele tinha sido republicado em dois jornais de sindicatos no Rio Grande do Sul. Porém, quarenta anos depois, a matéria reapareceu nas mídias sociais, e teve um grande impacto – fui procurada pelo Globo Esportes, pelo Redação do SportTV, ela foi citada por Djamilia Ribeiro, pela Flávia Oliveira, enfim.... Mais importante, foi propulsor de alguns movimentos contra a contratação tanto de um técnico que tinha participado desse estupro coletivo na Suíça, quanto de outro jogador que tinha sido condenado por estupro na Itália. E até hoje recebo pedidos para falar sobre

o caso – esta semana, de duas estudantes da PUC de Minas. Foi a primeira incursão ao modo como a mídia tratava o futebol.

Porém, nem em minha dissertação de mestrado, nem na minha tese de doutorado tratei do futebol. Ou seja, o futebol era para mim um prazer, não uma atividade vista como antropológicamente séria, como acadêmica. Mas o futebol esteve sempre presente de algum modo no que fazia. O primeiro artigo que publiquei numa revista acadêmica (Rial, 1988), já falava em futebol. Tratava da globalização publicitária, analisando peças publicitárias que tematizavam o esporte. Globalização, nessa época, era um conceito bastante usado na publicidade, mas ainda raro nas Ciências Sociais, nas quais passou a ser usado a partir dos anos 1990. Ali já esbocei ideias que seriam desenvolvidas na tese de doutorado. As peças analisadas – publicidade da Coca-Cola – tinham como protagonistas Zico no Brasil, Maradona na Argentina, um jogador de cricket na Índia e um de beisebol nos Estados Unidos; ou seja, o enredo era basicamente o mesmo, mas respeitava especificidades locais. Globalização comportava um movimento de homogeneização e também de heterogeneização.

Em 1995 publiquei um artigo (Rial, 1995) no qual analisei anúncios veiculados no Brasil durante a Copa do Mundo de 1994, mostrando que era só em ocasiões especiais, como são os megaeventos esportivos, que os negros eram representados em situações iguais as em que os brancos apareciam. Em outros momentos, eram apenas trabalhadores braçais. Ou seja, quando o Brasil se representava como nação, em disputa com outras nações, aí eram acionados para atestar nossa diversidade – no esporte, na música. Claro que isso mudou muito, passados 30 anos.

Mais adiante, voltei a analisar a mídia e como representava o futebol (Rial, 2003). Comparei a retórica de uma transmissão televisiva de uma partida de futebol com a de um documentário cinematográfico. Estava em diálogo com a Antropologia Visual, com Marc-Henri Piau e Jacques Aumont. O futebol é um esporte agonístico (para pensar nos termos do Roger Caillois), mas nele há também muito de mímica, de performance, de teatro – e busquei mostrar como isso impacta a construção de uma identidade nacional e de gênero.

Só me dei a autorização para pesquisar futebol depois que defendi o doutorado e achei que tinha cumprido com todas as obrigações escolares. Então, foi com um projeto para o CNPq, sobre a emigração de futebolistas brasileiros, que eu realmente posso dizer que iniciei a minha trajetória nesse campo.

Iniciei com jogadores que tinham retornado do exterior. As perguntas preliminares desse projeto vieram das afirmações que lia na mídia e entre intelectuais da época que qualificavam esses jogadores como “mercenários”, que teriam ido para o exterior com o único objetivo de ter dinheiro; como “consumistas”, cuja meta na vida era ter

bens de luxo; e como “estrangeiros”, pois teriam perdido qualquer sentimento de pertencimento ao Brasil. Mercenários, consumistas, estrangeiros. Essas foram as perguntas iniciais da pesquisa: seriam eles mercenários, consumistas e estrangeiros? No Brasil se falava, portanto, de uma *perda*. Eu queria ver o que realmente estava ocorrendo. Hoje isso parece pouco credível, mas eram essas as qualificações que mais apareciam na mídia na época. É bom lembrar que não tínhamos, como agora, jornalistas brasileiros espalhados pela Europa – os correspondentes. Eram raros os que iam entrevistar os jogadores no exterior. Há uma gravação de uma mesa que organizamos na 58ª Reunião Anual da SBPC, ocorrida em 2006 em Florianópolis, na qual a querida Simone Guedes fala sobre como a mídia via esses jogadores – e intelectuais também – e logo em seguida eu apresento os primeiros resultados da minha pesquisa etnográfica com os futebolistas, no exterior, que contradiziam frontalmente essas representações.

Iniciei-a antes de ir pesquisar na Europa, comecei no Nordeste do Brasil, em Fortaleza e na Bahia, entrevistando jogadores com passagem pela Ásia e pelo norte da Europa. Essa pesquisa coincidiu com um convênio que nós estabelecemos com a Universidade de Cádiz⁶, então eu pude passar um tempo nessa universidade dando aula e fazendo pesquisa. Inicialmente, tinha pensado em pesquisar alimentação na Andaluzia, já que alimentação tinha sido o tema da minha tese de doutorado, mas, chegando lá, percebi que, nos clubes da cidade de Sevilla (Sevilla fica próximo à Cádiz), tinham contratado muitos jogadores brasileiros. Seis, na verdade. E um deles inclusive tinha sido a transação futebolística mais cara jamais realizada. Então eu decidi prosseguir a pesquisa que eu tinha iniciado no Nordeste, contatando os brasileiros dos clubes Betis e Sevilla. Estavam lá, na época, o Ricardo Oliveira, que foi o meu principal interlocutor, o Edu, o Marcos Assunção e o Denílson no Betis; o Daniel Alves, o Adriano, o Luiz Fabiano e o Júlio Batista no Sevilla. Foi uma pesquisa que durou vários meses, em que eu pude conversar com eles em mais de uma ocasião, encontrá-los fora do centro de treinamento e, com dois deles, o Ricardo Oliveira e o Edu visitar as suas casas e falar com as esposas – as outras esposas estavam no Brasil. E, a partir daí, desse momento inicial, resolvi pesquisar prioritariamente os *happy few*, os cerca de 500 futebolistas que atuavam na Europa.

Por conta de um outro convênio da CAPES, com a Universidade de Wageningen⁷, pude ficar nos Países Baixos por um tempo longo também. Lá fiz contato com o PSV Eindhoven, porta de entrada de muitos brasileiros famosos, e onde estavam o

6. Por iniciativa da Cláudia, que tinha feito seu “sanduíche” lá (e do Oscar Calávia Saez, meu colega então), hoje professora na Ecole des Hautes Etudes em Paris, que conhecia o grupo de professores de lá. Ela tinha defendido, em 2005, a tese no PPGAS intitulada “O véu que (des) cobre: etnografia da comunidade árabe-muçulmana de Florianópolis”.

7. Participei de Convênio CAPES/NUFFIC, coordenado pela minha colega Júlia Guivant.

goleiro Gomes e o zagueiro Alex. Estive também em Almelo, Groningen, Rotterdam, Alkmaar... E, além dos futebolistas brasileiros que atuavam em clubes nessas cidades, contatei seus familiares, técnicos, agentes, dirigentes. E, mais tarde, por conta de outro convênio, dessa vez com a Universidade Livre de Amsterdam, pude estar em Amsterdam em diferentes anos e visitar muitos desses clubes⁸.

E fui passando de um país a outro, colhendo o material que resultou num primeiro artigo publicado na Espanha. Esse artigo sobre a emigração de futebolistas brasileiros para a Espanha (Rial, 2006) até hoje é bastante acessado. Ele serviu de base para escrever o segundo artigo, *Rodar* (Rial, 2008), publicado no *Horizontes Antropológicos*, em 2008, que é o mais conhecido e, de certo modo, antecipa as questões que enfocaria com mais detalhes nos textos subsequentes. Já tem ali algo sobre a importância da religião para os futebolistas pesquisados, que analisaria com mais vigor no artigo da *Banal Religiosity* (Rial, 2012) e em capítulos de livros publicados no exterior (Rial, 2012). “Rodar” é uma categoria dos futebolistas, que remete a uma característica do movimento presente nessa emigração, que consiste em não se estabelecer em um país, senão passar de um país a outro.

Nesse momento foi muito importante o contato que eu tive com a Bela Feldman-Bianco e com o grupo dela, que tinha um projeto PRONEX sobre migração. O Brasil sempre foi um país que atraiu imigrantes e, a partir dos anos 1990, passou a enviar mais do que receber. Resultado de um momento da globalização (não apenas da crise econômica por que passou o capitalismo, mas também por outras motivações que o encurtamento do espaço e do tempo trouxeram). Muitas das questões que estavam sendo analisadas em termos de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, em Portugal, dentro desse projeto passaram a ser também minhas questões, buscando ver a especificidade da emigração dos futebolistas numa perspectiva que levava em conta a emigração de brasileiros de modo mais geral. Passei, inclusive, a questionar teoricamente as categorias que os estudos de migração utilizavam na época para tratar desses sujeitos deslocados.

Além das publicações, um dos modos de fazer redes e conhecer colegas que pesquisavam na área, sempre foi a participação em congressos internacionais. E o esporte fez parte disso mesmo antes de pesquisar futebol. Apresentei, por exemplo, o trabalho “Esporte e masculinidade” sobre rúgbi, em Quito, no Equador, em 1997, durante o 49º Congresso Internacional dos Americanistas.

8. Coordenei com Freek Colombijn (Univ. Livre de Amsterdam) o projeto CAPES/NUFFIC “Economia circular: antropologias do lixo/resíduos sólidos e experiências inovadoras entre Holanda e Brasil”, que envolveu 10 pesquisadores brasileiros e holandeses em missões no exterior e resultou em livro, dossiês, eventos, artigos e capítulos, no período e antes dele.

Também o fato de lecionar em outras universidades foi importante. A estadia no ICSTE, em Lisboa, me abriu portas para diversos congressos e publicações na Europa, passando a integrar a Foominet (rede internacional de pesquisadores sobre migração de futebolistas, liderada pela Sine Agergaard e pela Nina Tiesler). A Foominet, mais tarde, se transformou na atual *Sport Migration Network*, com a qual o INCT Futebol tem estreitos contatos.

Apresentar trabalhos em congressos no exterior, viajar para outros países, me possibilitava realizar trabalho de campo. Por exemplo, quando fui à Austrália para um congresso no leste do país, em Perth, aproveitei a longa viagem para ir a Melbourne, Adelaide e Sidney. Pude visitar estádios, observar treinos, conversar com jogadores (não muitos, pois infelizmente a maioria estava em férias) e passei algumas horas na casa de um deles, com sua esposa e filho.

A viagem rendeu observações valiosas para o texto “Black Kaká” (Rial, 2016), que publiquei num livro organizado pelo antropólogo inglês John Gledhill, que completaram as observações que tinha feito em outros clubes considerados menores na hierarquia do sistema futebolístico, especialmente em Marraqueche, no Marrocos, onde realizei a conversa com dois atletas brasileiros do Kawkab Athlétique Club, Jeferson e Kledson – este último foi quem deu origem ao título “Black Kaká”. Quer dizer, Kaká noir (Kaká negro) foi como chamei os jogadores que estão na África e na Ásia (Hong Kong, Tailândia, entre outros), fossem brancos ou negros, a partir do comentário dirigido por um futebolista marroquino ao Kledson. No Japão entrevistei três jogadores do Tokyo Verdy, que, como no Marrocos e em tantos outros lugares, não tiveram grande visibilidade no Brasil, mas tiveram uma espécie de contágio da imagem dos grandes jogadores brasileiros como Kaká. Isso os coloca no mercado do futebol, no sistema futebolístico, com algo mais, um *surplus* étnico. Na Espanha, costumava-se dizer: “Ponga un exótico em su club”, para dar mais visibilidade. E os exóticos são os sul-americanos, os *Sudacas*. Isso é algo que eu estava interessada em observar.

Na maioria das vezes, busquei ficar vários dias no lugar, mas, em alguns casos – como por exemplo, em Hong Kong, fiquei apenas um dia e ainda assim consegui realizar entrevistas e fazer observações. Isso foi possível dada a familiaridade com os tempos/espacos do futebol, adquirida nos meses que passei na Andaluzia observando o Betis e o Sevilla e em Eindhoven, observando o PSV. Grandes ou pequenos, os clubes inseridos no sistema futebolístico organizado pela FIFA têm uma organização e uma rotina muito semelhante, o que facilitava o trabalho de campo. Mudava a escala, mas não as práticas. E assim foi possível realizar uma etnografia multissituada (Marcus, 1995) geograficamente. O que não o seria sem a conjunção de duas condições: o conhecimento aprofundado do objeto de estudo por um tempo prolongado passado num local, tal

como preconiza uma Antropologia mais tradicional, e um objeto que tenha uma organização relativamente homogênea em termos de espaço (centro de treinamento, estádio, academia) e tempo (horário de treinamento, de concentração, dos jogos, de folgas).

Outro *atout* da pesquisa foram os pós-doutoramentos realizados no exterior. Foram muitos, e permitiram observações mais prolongadas em diversos países: na França, em Paris, que considero minha segunda casa, e para onde fui uma vez ao ano nos últimos 20 anos, mas também nos Estados Unidos, onde passei dois anos na costa Oeste, em Berkeley.

Para Nova York, tenho ido duas vezes por ano nos últimos 3 anos, por conta do meu trabalho no Conselho da *Wenner-Gren Foundation*, e, claro, aproveito para ver algo de futebol – o estádio em New Jersey é facilmente acessível por metrô, mas difícil conseguir ir por conta do trabalho, fui só uma vez para assistir a uma partida. Agora na Sexta Avenida, perto do hotel onde fico, há uma grande loja de esportes, com arquibancada e telão, onde passam ao vivo os jogos da *Premier League*, entre outros, e costumo dar uma passada lá para tirar a temperatura de quem é quem no cenário dos Estados Unidos. Uma camiseta do Messi do Inter Miami pode chegar a U\$D 400, mais de 2 mil reais! Chama-se Pelé, o que é significativo do que ele fez pelo *soccer* no país. Em Nova York, participo também de dois grupos de pesquisa da Columbia University, com os quais tive contato durante o pós-doc na City University of New York (CUNY), em 2017: o grupo do *Religion Seminar*, onde já fiz uma palestra em 2016, e o grupo do *Brazilian Seminar*, para o qual também já falei, mas não sobre futebol. E os dois vão ter uma sessão conjunta agora em final de outubro, onde farei uma palestra.

Também tive estadias bem produtivas em Toulouse, em Hradec-Králové (na República Tcheca), em Montevideu... Sempre gostei muito de dar aulas no exterior, pois é um modo de experienciar diferentes academias e trazer bons exemplos para a UFSC. E, claro, elas têm sido também um modo de entrar em contato com meu campo de pesquisa. Continuei a ter uma intensa participação em congressos em países estrangeiros⁹, sem perder de vista os brasileiros¹⁰. Na verdade, não foram poucos os países visitados. Além dessas estadias acadêmicas – como professora, pesquisadora ou em congressos –,

9. Com o trabalho “Futebolistas brasileiros na Europa: migração ou circulação?”, no Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa, em 2010. Também em Barcelona, apresentei o trabalho “International migration of women footballers: causes, subjective experiences and consequences”, no Congresso de Feminismo na Universidade Autônoma Barcelona. E apresentei o trabalho “Rodar: the movements of Brazilian soccer player abroad” no Congress da International Union of Anthropological and Ethnological Sciences (IUAES), the Australian Anthropological Society (AAS) and the Association of Social Anthropologists of Aotearoa / New Zealand (ASAANZ) Conference, em Perth (2011).

10. Apresentei o trabalho “Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes guetos sexuais globalizados” na IX Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), ocorrida em 2011, em Curitiba. E, neste mesmo evento, com Wagner Camargo, apresentamos o trabalho Circulação de desejos: competições esportivas gays sob investigação.

fiz duas voltas ao mundo, literalmente, comprando a passagem “volta ao mundo”, que é algo muito interessante de se fazer, ainda que custe caro.

Mais recentemente, tenho pesquisado gênero e sexualidade – especialmente no Brasil pós-liberação. Tenho mostrado que o futebol foi praticado por mulheres de classes sociais subalternas, negras e lésbicas. O futebol de mulheres (e não apenas no Brasil) deve muito nos seus inícios às lésbicas negras, embora a orientação sexual tenha sido ocultada. Por meio dos regulamentos dos organizadores dos torneios, da mídia e até nos trabalhos acadêmicos. A temática apareceu nas etnografias da Caroline Almeida (sobre o clube Radar) e também na da Mariane Pisani, e depois no meu trabalho de campo e nas entrevistas que fiz com futebolistas.

A homofobia, ainda que presente hoje no futebol – e muito presente na história do futebol –, está diminuindo nos últimos anos. As jogadoras que “estavam no armário” (para usar uma categoria da Eve Sedgwick) agora aparecem com suas esposas, suas companheiras, dedicam gols abertamente a elas nas redes sociais e até na TV Globo, que é a maior máquina da mídia brasileira. O espaço ainda é muito homofóbico, mas há mudanças, e vimos isso durante os megaeventos, como as Copas do Mundo e as Olimpíadas.

Na estadia mais recente (2023-2024) no exterior, em que estive em Washington D.C., ocupando a cátedra Ruth Cardoso na Universidade de Georgetown, pude lecionar uma disciplina sobre o Brasil a partir do futebol, *Brazilian Society: Soccer & Culture in Brazil*. Era uma disciplina optativa, e nas optativas geralmente poucos alunos se matriculam, e esta teve 16 matriculados, entre graduandos e pós-graduandos, um número normal para nós, mas que foi tido como uma grande afluência. Foi muito interessante, eu tinha feito um certo ensaio no curso na graduação de Ciências Sociais no semestre anterior e foi muito prazeroso poder falar de temas centrais ao Brasil por meio do futebol¹¹.

Morar em Washington D.C. – que é uma cidade maravilhosa de se viver, com alguns dos melhores museus do mundo, muitos parques, bibliotecas, muitas universidades que oferecem concertos musicais variados, e um fabuloso centro cultural, o Kennedy Center, com teatros e salas para apresentações musicais – permitiu também levar adiante as pesquisas sobre o futebol de mulheres. Vou me deter um pouco mais nessa experiência, pois é a mais recente. Tratei da instituição de uma lei na educação que garantiu a igualdade de gênero e que incluiu umas poucas linhas com um enorme (e provavelmente inesperado) impacto no campo esportivo do país, o Title IX. O projeto *The struggle for gender equality on the pitch* teve este resumo:

11. Este é o início da ementa: “Entre as muitas maneiras de abordar a cultura e a sociedade brasileira, escolhemos analisar o futebol e seus praticantes. Usamos o futebol como uma lente para examinar questões centrais no Brasil, que também são importantes na região e em todo o mundo, incluindo: migração e mobilidade, raça e racismo, religião, gênero e sexualidade. A disciplina pode ser vista como um curso sobre a cultura brasileira, que usa o futebol como guia para iniciar a conversa.”

Os Estados Unidos foram um dos países pioneiros em legislações para promover a igualdade entre mulheres e homens no esporte, por meio do famoso Título IX, que foi “mais bem-sucedido do que outras leis contra discriminação de sexo, pelo menos em inserir mulheres em arenas tradicionalmente reservadas para homens e em mudar normas culturais no processo.” (Brake, 2010, p. 2) O esporte é uma dessas arenas. Quando a equipe feminina de remo da Universidade de Yale escreveu o Título IX em seus corpos nus em frente ao escritório do diretor de esportes em 1976, elas trouxeram essa lei federal que proíbe a discriminação sexual para o esporte. O Título IX se refere a programas educacionais financiados pelo governo federal, mas repercutiu em muitas outras áreas, melhorando cada vez mais as condições para as atletas nos EUA. O projeto de pesquisa que pretendo realizar examinará as medidas tomadas pela seleção nacional feminina de futebol dos EUA para alcançar a igualdade salarial com a equipe masculina.

A lei foi assinada por Nixon – ele não deve ter tido a menor ideia do impacto que teria nas relações de gênero, tanto é que quando a apresentou não fez nenhuma menção a esse parágrafo. Uma vez iniciada a pesquisa na Biblioteca do Congresso, nos arquivos da *Senate House* e da *House of Representatives*, o projeto mudou, pois encontrei dados preciosos e a questão da sexualidade revelou-se central. Isso porque a lei promulgada passou por diversas regulamentações. Originalmente, o texto prescrevia igualdade entre “os sexos”. “Gênero” não era uma categoria usada na época, ela foi incluída no lugar de “sexo” no governo de Obama. Atualmente, o debate, impulsionado por conservadores e feministas radicais, é para voltar a se usar a palavra “sexo”, o que retornaria o tema da igualdade para uma dimensão biológica e não social. E, assim, excluiria transmulheres de equipes femininas.

A estadia nos Estados Unidos permitiu falar sobre futebol também em palestras¹²; realizar observações no Audio Stadium do Washington Spirit (equipe de mulheres) e ver publicado um artigo que estava no prelo, “Football, lesbianism and feminism in Brazil: subversive acts” (coautoria com a Caroline Almeida), na revista *Soccer and Society*.

Publicar no exterior tem sido uma opção, pois penso que é importante internacionalizar o que produzimos no Brasil. Uma opção que tem como contrapartida negativa o fato de ser menos lida no Brasil – traduzir alguns desses artigos é uma tarefa que tenho adiado e adiado. O que tenho tentado, apesar do pouco tempo para escrever, é publicar textos para o nosso novo *blog* do INCT Futebol, o *Bate-Pronto*¹³.

12. Palestra “Football (and music about foot) in Brazil”, na aula de Bryan McCann (Georgetown University), e palestra “Kicking inequality: charting the path to gender equity in brazilian football” no evento promovido pelo Center for Latin American Studies (CLAS), Walsh School of Foreign Service (Georgetown University).

13. Publicação dos textos “À Daiana Muniz – e a todas as mulheres que não sabem ver” (com Miriam Grossi), “O bocejo da jovem em Roland Garros – o que isso tem a ver com o tempo no esporte”; “O Caribe do ‘menino Neymar’ e os marinheiros russos e E as Bets? Devemos proibir os pobres do Bolsa Família de apostar?” (<https://www.inct-futebol.com.br/batepronto>).

Nos últimos anos, por conta de minha inserção no Conselho Mundial de Associações Antropológicas (WCAA), continuei e até aumentei a frequência dessa participação em congressos estrangeiros, mas nem sempre apresentando trabalhos com o tema de futebol e mais sobre a política acadêmica e, especialmente, a política de publicações. Ainda assim, e como atualmente estamos em muitos lugares simultaneamente por conta do Zoom, Google Meet e Youtube, também participei *online* de colóquios sobre futebol em Coimbra, em Paris e aqui no Brasil¹⁴.

4) Um dos pressupostos de atuação do INCT Futebol é a perspectiva multi e interdisciplinar, agregando agentes do campo acadêmico-científico, mas também instituições diversas, como clubes esportivos, agentes políticos, entre outros(as). Gostaríamos que comentasse a respeito dessa perspectiva interdisciplinar no olhar e nas ações que envolvem o futebol brasileiro a partir do conjunto de ações do INCT Futebol. Além disso, perguntamos: como a academia pode contribuir para o campo do futebol e como os agentes do futebol podem contribuir com a academia? Ou, como é possível estreitar o diálogo entre academia e agentes do futebol?

Desde o início, a proposta era que o INCT Futebol fosse uma rede de pesquisadores(as) de diferentes inserções disciplinares. Incluindo as diferentes disciplinas nas quais os estudos de futebol estão bem enraizados hoje: Antropologia, Sociologia, Política, Educação Física, Comunicação e Geografia. Mas também – por que não? – Relações Internacionais e Filosofia, e até, como nós vimos no recente encontro, Museologia. Há grupos de pesquisa e há pesquisadores(as) em todos esses campos no INCT. Ou seja, a perspectiva interdisciplinar está plenamente enraizada entre nós.

Isso ainda não se pode dizer sobre o diálogo com os formadores de políticas públicas. Nossa ideia era também fazer com que o Instituto tivesse uma relação forte com agentes de políticas públicas. O futebol é um instrumento importantíssimo, não só por ser o evento mais assistido no planeta, a Copa do Mundo com uma audiência de bilhões, mas também porque ele acaba tendo um espaço na mídia brasileira que dificilmente se obtém quando se trata de outros temas. Então, desde o início, quisemos manter diálogos com o Ministério do Esporte e tivemos, inclusive, já uma reunião com esse Ministério, assim como Federações.

Na abertura do encontro em Florianópolis, contamos com a presença de um representante da Federação Catarinense de Futebol e participamos de uma primeira

14. No Encontro Internacional Futebol e Sul Global, em Coimbra, com a apresentação “Futebol em Portugal e no Brasil - estudos precursores”; no Encontro Histoire et Sociologie Critique du Football: études et perspectives scientifiques en France, Brésil et Uruguay, com apresentação “Football au Brésil et en France: histories parallèles” – os dois encontros organizados pelo Fábio Pinto, do INCT e da Universidade de Pelotas; e do I Seminário Interno INCT Futebol, organizado pela Mariane Pisani.

reunião na UFSC, onde o INCT, a convite da reitoria, discutiu com os clubes de futebol (embora apenas representantes do Avaí tenham comparecido) maneiras de prevenir o racismo nos estádios. Além disso, elaboramos um projeto propondo a construção de campos de futebol junto às escolas de ensino fundamental, para que esses espaços sejam abertos não apenas para os meninos, mas também para as meninas e para a comunidade LGBTQIA+, que frequentemente enfrenta grandes dificuldades para acessar os campos de várzea, há um certo constrangimento em entrar em um espaço tradicionalmente masculino. Esse projeto que se chama “Pelé pra Sempre” foi elaborado por uma arquiteta, teve o aporte de especialistas em gramados e tem um orçamento enxuto, mas que garante condições mínimas para essa prática, com vestuários previstos em contêineres, algo prático. Nós tentamos que fosse implementado utilizando um edital do Ministério do Esporte aberto aos municípios – isso nos foi aconselhado nessa reunião que tivemos com representantes do Ministério –, enviando para diversas prefeituras em Santa Catarina, mas não houve grande interesse das prefeituras em levar adiante. Vamos ver se agora, no Rio Grande do Sul (já temos contatos de assessores do Ministro Pimenta), haverá essa abertura. Seria muito importante para a democratização da prática ter esses campos implementados.

5) Do ponto de vista acadêmico-científico, como você analisa a produção bibliográfica brasileira dos anos 1980 para cá, considerando os primeiros textos que surgem com a obra “Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira”, organizada por Roberto DaMatta, Luiz Felipe Baêta Flores, Simoni Lahud Guedes e Arno Vogel?

É fácil comentar a produção dos anos 1980 e 1990 porque éramos poucos. E os nossos antecedentes, os clássicos, eram poucos (DaMatta, 1982; Leite Lopes, 1992). Cábamos numa sala – e era assim, nas salas do GT da ANPOCS, da ABA e da RAM, que eram os congressos de Ciências Sociais e de Antropologia que frequentávamos. Mas neste século... Multiplicou-se de tal modo que é difícil acompanhar.

E essa produção internacionalizou-se. Passamos, por exemplo, a participar dos congressos da IUAES (International Union of Anthropological and Ethnological Sciences), que agora tornaram-se congressos da WAU (World Anthropological Union). Eu participo deles desde 1993, mas eram poucos brasileiros então, e ainda que houvesse espaço para se falar de futebol em grupos ou mesas, não lembro de GTs e mesas especificamente sobre esporte. Isso mudou. A IUAES tem agora uma Comissão de Antropologia do Esporte, que foi iniciativa dos brasileiros, oficialmente instaurada no Congresso Mundial organizado aqui em Florianópolis, em 2018, e que foi inicialmente liderada por um brasileiro, o Luiz Rojo (agora está com o Thomas Carter e com a Lívia Salvekova).

Na Índia já tivemos um GT de Futebol – iniciativa do INCT Estudos do Futebol Brasileiro – e outro sobre esporte. E na África do Sul, em Johannesburg, onde o Brasil estará com a maior entre as delegações presentes, teremos novamente dois GTs sobre o futebol, organizados pelo INCT Estudos do Futebol Brasileiro. Isso na Antropologia. Mas imagino que o mesmo movimento ocorra em outros campos, nos congressos de Sociologia, de Educação, de Educação Física, de Comunicação... O interesse é geral. Vejo isso pela diversidade de proveniência dos estudantes que tenho na disciplina sobre futebol, que estou oferecendo na graduação de Antropologia neste ano. Tenho alunos(as) de todas essas áreas e até da Biologia – o Daniel (Daniel Machado da Conceição, UFSC) fez uma palestra sobre racismo para esta turma recentemente.

Então, é difícil comentar a produção bibliográfica mais recente citando autores, pois incorreria em esquecimentos. Multiplicou-se. Diversificou-se. Por exemplo, adorei os trabalhos a que assisti sobre Museologia no Encontro de Florianópolis. O legal é que não se perdeu a relação com esses primeiros trabalhos do campo, que já se tornaram clássicos.

6) Considerando tua inserção nesse contexto que envolve Humanidades e futebol brasileiro, quais grupos de pesquisa e quais agentes (pesquisadores/as) você destacaria àqueles e àquelas que estão iniciando sua aproximação à temática e são leituras imprescindíveis para aprender sobre futebol brasileiro e Humanidades? Sob a perspectiva metodológica, como você analisa os estudos e investigações que têm sido feitas? Comente a respeito, procurando destacar o que tem sido feito e o que pode ser feito em relação às formas de se fazer pesquisas sob as lentes das Humanidades ao focar no objeto “futebol brasileiro”.

Esta é uma pergunta importante, talvez devesse ser a primeira. Leituras imprescindíveis para focar o “futebol brasileiro”? Olha, o futebol sempre foi para mim uma porta de entrada para abordar outros temas. Usando a famosa máxima do Geertz, eu não estudo o futebol, mas *no* futebol. E aparece na fala de Pablo Alabarces: “Não faço futebol, faço antropologia”. Então, minha preocupação inicial ao indicar as leituras sempre é a mesma que tenho: qual é o seu problema de pesquisa? E as leituras que indico são as relacionadas com o tema, não necessariamente de quem escreve sobre futebol. Isso vem num segundo momento. E há hoje uma ampla literatura sobre futebol acessível *online* – a biblioteca do Ludopédio é exemplar, assim como o *site* do Scielo e de outros repositórios.

Dou meu exemplo pessoal. Quando fui estudar o deslocamento para o exterior dos futebolistas brasileiros, busquei uma literatura sobre migração. E os trabalhos do grupo da Bela Feldman-Bianco foram importantes para entender a situação no Brasil, e me levaram a ler a Nina Glick-Schiller – depois a encontrei para um café em Nova York, por conta da amizade que tem com a Bela –, o Michael Kearney, sobre transnacionalismo, a Maxine Margolis – que participava do Seminário sobre Brasil na Columbia Uni-

versity que frequentei. Mas também mais clássicos, como o do Abdelmalek Sayad, e no Brasil o da Giralda Seifert. Ou recentes – na época eram – como o Gustavo L. Ribeiro, o Parry Scott, a Denise Jardim, a Glaucia Assis Brasil e até trabalhos da etnologia indígena. A ideia do transmigrante foi importante porque eu vi jogadores na Europa que nas férias podiam ir para onde quisessem e voltavam para uma cidade bem pequena, uma até na Amazônia, uma viagem bem longa, para passar as férias, e eles tinham isso, uma presença ausente (de sua comunidade original) o tempo todo.

Quando quis estudar o momento por que passava o futebol com o incremento de sua mediatização, da circulação de jogadores, de capital, fui ler sobre globalização: o Arjun Appadurai, a Saskia Sassen, o Ulf Hannerz, o David Harvey – e me inspiram para pensar a escala dos clubes e o conceito de clubes-globais, o de sistema futebolístico. E hoje não dá para pensar globalização sem focar a colonialidade – o Quijano, o Mignolo, a Maria Lugones, mas também o Fanon, o Mbembe.

Mais perto do futebol propriamente dito, o Richard Giulianotti, que gosto muito de ler, o Eduardo Archetti. Mas a ideia de *circulação* veio da Claudia Fonseca que estudava adoção em camadas populares (*sorry*, Bourdieu, por usar popular aqui), ou seja, não tinha nada a ver com futebol. Para pensar o pertencimento nacional, fui ler sobre nação no Ruben Oliven, “A parte e o todo”, e claro, no Benedict Anderson e no Michael Billig (e aí já tem bastante esporte), o que me levou de volta a Weber. Ou seja, são leituras da Antropologia e da Sociologia, predominantemente, que completo com o que escrevem colegas sobre futebol mais diretamente. Mas não só desses campos de conhecimento.

Quando fui pensar as transações dos futebolistas entre os clubes, a ideia de fronteira se tornou importante – agora poderia dizer também “as transações das futebolistas”, mas como comecei pelos homens, uso o masculino aqui. O que é uma fronteira para eles? Recorri a Marc Augé, sim, mas foram os geógrafos que me trouxeram melhores definições que pude adotar para uma possível resposta. E a literatura – Glória Anzaldúa, que também ajudou na ideia da vida em uma bolha, pelo contraste, não pela similitude do contexto descrito. Fronteira para ela é um lugar dramático, uma *zona sangrenta*, onde há emoção, morte. Ora, os futebolistas passam de um país a outro com muita facilidade, sem qualquer drama – o momento dramático é o da troca de clubes.

No mais, vivem em uma *bolha*. Hoje muito se fala em bolha para se referir ao cotidiano de futebolistas (e de outros profissionais), mas na época não se falava. Encontrei a palavra “bolha” lendo reportagem de jornal sobre o trânsito de um presidente norte-americano! O fato de viverem em bolhas ficou muito claro quando estive em Atenas conversando com jogadores e, especialmente, visitando a secretaria do Panatinaikos, vendo o modo como se protegiam ali os brasileiros do clube, contratando um secretário, abrindo contas nos bancos, buscando moradia, enfim (Rial, 2015).

Quando fui pensar o consumo e o estilo de vida, recorri a Veblen, a Bourdieu, e a quem já tinha lido para a minha tese sobre alimentação. Religião? Weber, Durkheim, Mary Douglas, Geertz, Talal Asad (!), Kingsley, Novak, mas também Ricardo Mariano, Ari Oro, Peter Fry e, mais perto do futebol, Da Matta, Augé, Gmelch (os dois últimos também pelo contraste).

Gênero, masculinidade? Mead, Rubin, Scott, Butler, Tillion, Grossi, mas também Bourdieu, Wacquant, Pitt Rivers... E, mais perto do futebol, Jean Williams, Brenda Elsey, Sine Agegaard, Nina Tiesler, meus ex-orientandos Wagner Camargo, Caroline Almeida, Mariane Pisani, Vanrochris Vieira.

Vigilância, violência, estádios, torcidas? John Bale, Veena Das, Foucault, Didier Fassin, Mark Maguire e, por que não, Bakhtin; e, mais perto do futebol, Pablo Alabarces, Veronica Moreira, Kike Toledo, Eduardo Araripe de Souza.

Então, é difícil apontar quais seriam as leituras imprescindíveis, pois dependem do objeto com o qual o futebol está em diálogo e, como no meu caso, podem vir de lugares insólitos e inusitados, de um livro de Geografia ou uma reportagem de jornal. Claro que alguns autores estão na base, funcionando como um substrato inconsciente, mas guiando o olhar sempre: Marx, Mauss, Lévi-Strauss, Simmel, Elias, Foucault, Bourdieu, Gilberto Velho, a Escola de Chicago e a de Manchester – mesmo que não raras vezes se oponham nas suas perspectivas.

Uma parte importante da minha seleção sobre futebol é em língua estrangeira. Tento que não sejam só autores do Norte global, que são mais acessíveis, sim, pois suas publicações estão nas grandes revistas e os seus livros podem ser baixados pelos *sites*, mas buscando autores da América Latina e da África – mais difícil acessar a China, claro, que publica menos em inglês se comparada, por exemplo, ao Japão. Temos que ter em vista essa geopolítica das publicações e tentar valorizar outras fontes que, às vezes, aparecem como menos legítimas academicamente, dentro de uma lógica de olhar preferencialmente para o Norte para buscar referências teóricas.

Agora, no Brasil, nos últimos tempos, tem proliferado o número de artigos e teses sobre futebol e é até difícil manter uma leitura atualizada. Tenho receio de deixar de fora nomes, e, por isso, vou me restringir aos “clássicos” – o que sempre é controverso, pois como classificar nessa categoria? Entram só os que já não escrevem mais? Os do século passado?

Metodologicamente, penso que tivemos uma virada neste século. Os clássicos (no século XX) não interagiram diretamente com os protagonistas do futebol, usavam fontes secundárias para pensar o futebol. O trabalho da Simoni já foi com futebolistas, trabalhadores, e tivemos trabalhos sobre torcedores que foram etnográficos. Mas, em geral, se escreveu tendo como fonte a mídia ou sobre o que se observava nos estádios.

O trabalho do Arlei Damo foi importante porque colocou os futebolistas novamente no centro. E fiz o mesmo, assim como orientei meus orientandos a fazê-lo. Assim, meio que surgiu uma escola no Sul do Brasil, onde a etnografia no velho sentido do termo estava presente.

7) Roberto DaMatta indicou que o futebol representa o drama social brasileiro. Nessa perspectiva como a modalidade pode/deve contribuir para a superação da discriminação de gênero e raça em nossa sociedade? O futebol pode servir também para isso?

Claro! Pode servir e muito. Roberto DaMatta fazia essa relação entre o futebol e a sociedade de modo mais geral (que, aliás, também está presente em outros, antes, Gilberto Freyre, Lima Barreto...). Para DaMatta, o futebol tinha um potencial pedagógico, de ensinar democracia e igualdade. Segundo essa ideia, as pessoas aprenderam a respeitar a lei não ouvindo os políticos no parlamento, mas assistindo aos jogos de futebol. O futebol proporcionava um espaço onde se cumpria regras iguais para todos, sem distinção de classe. Isso não ocorria em outros espaços onde a distinção de classes predominava sobre uma igualdade *fake*, que estava só na letra da lei. É uma ideia sugestiva, mas que tem recebido críticas por seu excesso – dizem os críticos que também o supermercado, a igreja ou o boxe teriam que ser vistos como fatores de democracia, já que todos participam deles.

Bem, eu não coloco o futebol no mesmo patamar que os supermercados. É fato que o futebol poderia ser visto também como uma escola de competição (muito apropriada ao capitalismo), de disciplina (às regras do treinador, dos dirigentes), de corrupção (lavagem de dinheiro, compra de jogos e, mais recentemente, manipulação de apostas), de violência (com os *holligans*)... Enfim, o futebol é uma escola para muitas coisas no Brasil. E menos uma “escola” no sentido de transmitir um ensinamento, e mais um holofote. O futebol coloca em pauta e dá visibilidade a temas importantes para o país. E o racismo, a homofobia, a desigualdade de gênero estão entre eles.

Claro que só vai ter alguma eficácia na “superação da discriminação de gênero e raça em nossa sociedade” se estiver acompanhado de leis. Se esses atos forem criminalizados. Tivemos grandes transformações nesse sentido com a Constituição de 1988 e com legislações depois dela. Estamos bastante à frente de muitos países na criminalização do racismo no futebol – basta ver o que ocorre na Espanha atualmente. Mas ainda temos muito a fazer em termos de igualdade de gênero e homofobia (por isso fui estudar o Title IX).

8) Por último, aproveitando que na semana do dia 05 a 07 de agosto de 2024, com grande êxito, foi realizado na UFSC o IV Simpósio Futebol – NAVI & I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro: produções e epistemologias futebolísticas, perguntamos: Qual sua avaliação sobre as discussões e pesquisas sobre futebol apresentadas durante o evento?

O encontro mostrou que nossa produção é extensa, de boa qualidade e diversificada em suas temáticas. Foram mais de 150 trabalhos apresentados, pude assistir a diversas sessões dos grupos de trabalho. Estou com o rascunho dos anais do encontro e penso ler com calma os trabalhos. Aí conversaremos melhor.

Referências

DAMATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol: Esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

LEITE LOPES, José Sérgio. A morte da alegria do povo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 7, n. 20, 1992, p. 113-134.

RIAL, Carmen. O jogo sutil da publicidade ou como transformar um símbolo nacional em valor-signo da Coca-Cola. **Revista de Comunicação e Artes**, v. 18, 1988.

RIAL, Carmen. Japonês está para TV assim como mulato para cerveja: imagens da publicidade no Brasil. In: ECKERT, C.; MONT-MÓR (Org). **Imagem em Foco: novas perspectivas em antropologia visual**. Porto Alegre/Rio de Janeiro: UFRGS/UFRJ, 1999.

RIAL, Carmen. Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa. **Antropolítica**, v.14, n. 2, p. 61-80, 2003.

RIAL, Carmen. Futebolistas brasileiros na Espanha: emigrantes porém... **Revista de Dialectología y Tradiciones Populares**, v. LXI, 2006, p. 163-190.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horiz. antropol.**, v. 14, n. 30, dez. 2008. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002>.

RIAL, Carmen. Banal Religiosity: Brazilian Athletes as New Missionaries of the Neo-Pentecostal Diaspora. **Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology**, v. 9, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.vibrant.org.br/issues/v9n2/carmen-rial-football-and-religion>. Acesso em: 01 out. 2024.

RIAL, Carmen. ‘Devil’s Egg’: Football Players as New Missionaries of the Diaspora of Brazilian Religions. In: ROCHA, Cristina Rocha; ARTURO VASQUEZ, Manuel (Org.). **Diaspora of Brazilian Religions**. Leiden: Brill, 2012. p. 66-91.

RIAL, Carmen. Circulation, Bubbles, Returns: The Mobility of Brazilians in the Football System”. *In*: ELLIOT, Richard Elliot; HARRIS, John (Org.). **Football and Migration**. London; New York: 2015, p. 61-75.

RIAL, Carmen. From ‘Black Kaká’ to Gentrification: the New Motilities of Expatriate Brazilian Football Players. *In*: GLEDHILL, John (Ed.) **Anthropologies in Practice: Situated Perspectives**, Global Knowledge. London: Bloombury Publish, 2016. p. 77-94.

VERISSIMO, Luís Fernando. **Internacional, auto-biografia de uma paixão**. Porto Alegre: Ediouro, 2004.